

O *pathos* fílmico: investigações entre cinema, psicanálise e psicopatologia fundamental¹

The film Pathos: researches between Cinema, Psychoanalysis and Fundamental Psychopathology

Dorivaldo Pantoja BORGES JUNIOR²

Arina Marques LEBREGO³

Gabrielle de Kassia CARRERA DE OLIVEIRA⁴

Samara LIMA⁵

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar construções teóricas e práticas sobre as possibilidades de reflexões acadêmicas entre a Psicanálise, Psicopatologia Fundamental e o Cinema. Para tanto, primeiramente realizou-se um apanhado das discussões que correspondem ao tema e, em seguida, apresentou-se fragmentos das produções referentes aos anos de 2020 e 2021 do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE). Entre os principais pontos abordados, constam a possibilidade de refletir sobre a subjetividade, a cultura e os próprios fenômenos psicopatológicos mediante o contato com a arte cinematográfica.

Palavras-chave: Psicanálise. Cinema. Psicopatologia Fundamental. Pesquisa.

Abstract

This article aims to carry out theoretical and practical constructions on the possibilities of academic reflections between Psychoanalysis, Fundamental Psychopathology and Cinema. To do so, firstly, an overview of the discussions that correspond to the theme was carried out and, then, fragments of the productions referring to the years 2020 and 2021 of the Study and Research Group in Psychoanalysis and Cinema (GEPPCINE) were presented. Among the main points addressed, there is the possibility of reflecting on subjectivity, culture and psychopathological phenomena themselves through contact with cinematographic art.

Keywords: Psychoanalysis. Cinema. Fundamental Psychopathology. Research.

¹Este trabalho é um desdobramento da monografia de TCC em Psicologia intitulada: “Aids, fantasia e transitoriedade: construções analítico-cinematográficas” (2021/UNAMA).

² Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: dorivaldopsi@outlook.com

³ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: arinamlebrego@gmail.com

⁴ Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: gabriellecarrera.o@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: samaralyma@yahoo.com

Introdução

O presente artigo tem como objetivo realizar construções teóricas e práticas sobre as possibilidades de reflexões acadêmicas entre a Psicanálise, Psicopatologia Fundamental e o Cinema, bem como exemplificar as possibilidades de investigação que surgem a partir dessa confluência de campos de estudo. No que tange ao último, o estudo apresenta um relato de experiências vivenciadas no Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE), um movimento de investigação que surgiu em 2018 entre as atividades de um curso de graduação em Psicologia de uma Universidade privada localizada em Belém do Pará.

A Psicanálise, desde as primeiras teorizações de seu criador — Sigmund Freud (1900 – 1940) — já era apresentada enquanto um saber que deveria dialogar e contribuir com as demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, Freud ([1913] 2012) afirma que as possibilidades de interlocução da Psicanálise são diversas, seja com a Pedagogia, Ciências biológicas e, também, as Ciências da cultura, por exemplo. Nesse sentido, o saber psicanalítico — cujo objetivo principal é estudar as manifestações do inconsciente — poderia contribuir na explicação dos processos subjetivos humanos.

No que diz respeito ao campo psicanalítico mais especificamente, Freud ([1923] 2011) circunscreve-o em três possibilidades: a primeira diz respeito a uma alternativa de tratamento de manifestações psicopatológicas; em segundo, aponta para um método de investigação sobre tais psicopatologias e, por fim, um grande campo do saber.

Já a Psicopatologia Fundamental corresponde a um campo do saber transdisciplinar que busca teorizar sobre o sofrimento humano em seu fundamento: o *Pathos*, que remete às paixões, à passividade e ao padecimento psíquico. Dessa forma, *Pathos* seria o cerce do psicopatológico (BERLINK, 2000).

Segundo Berlink (2000), a Psicopatologia Fundamental tem por finalidade a aquisição de uma experiência inerente ao sofrimento psíquico e, a partir dela, modificar a posição do sujeito em relação a seu próprio psiquismo consequentemente alterando sua posição e dinâmica no mundo. Essa propriedade modificante é o objetivo de sua clínica, cabendo à pesquisa procurar condições metodológicas que permitam encontrar as palavras representativas do sofrimento *Pathos* compartilhado na direção da singularidade do vivido. Sofrimento psíquico corresponde, então, ao excesso de *Pathos* (CECCARELLI, 2005)

Na tentativa de reflexão sobre os fenômenos psicopatológicos e, de forma mais ampla, o sofrimento psíquico, autoras como Rivera (2008) e Homem (2009) demonstram como materiais audiovisuais podem representar o universo subjetivo humano, suas ambivalências e fantasias. Ou seja, de acordo com as autoras, o Cinema constituiria um possível objeto de análise também.

Levando em consideração, então, as possibilidades de investigação sobre o universo subjetivo humano e sobre o padecimento mental através dos imagéticos fílmicos, iniciaram-se as atividades do grupo de pesquisa cujo recorte de experiências se pretende apresentar neste estudo, sobretudo no que diz respeito aos encontros temáticos realizados e a produções científicas frutos das atividades do grupo.

Para tanto, o artigo fora construído mediante a seguinte ordem: primeiramente, apresentaram-se breves comentários sobre a Psicanálise e a Psicopatologia Fundamental para, em seguida, traçar comentários sobre a relação entre os campos de estudo e o Cinema. Na sequência, consta o apanhado das informações sobre as experiências do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE), bem como uma breve articulação teórica sobre a produção do mesmo. Por fim, os principais pontos do arcabouço teórico e do relato de experiência deste escrito foram agrupados a nível de considerações finais.

Dessa forma, lançando mão de contribuições dos campos do Cinema, da Psicanálise e da Psicopatologia Fundamental, junto ao relato de experiência no âmbito universitário, acredita-se que este estudo poderá contribuir aos debates científicos de diversos campos do saber.

Psicopatologia Fundamental e Psicanálise: questões preliminares

A Psicopatologia Fundamental é um campo interdiscursivo de pesquisa clínica e acadêmica dedicado a estudar o sofrimento psíquico. Surgiu como prática em 1979 por meio de Fédida e seu grupo na *Université Paris 7 – Denis Diderot, do Laboratoire et Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse*, juntamente com um programa de doutorado na mesma linha de pesquisa (BERLINK, 2010; CECCARELLI, 2011; CALADO E LANG, 2014).

Este campo se articula, desde o início, a uma longa e rica tradição que remonta à Grécia Antiga com Hipócrates, a saber: a investigação do *Pathos* psíquico. Ela foi criada visando resgatar essa tradição e oferecer uma alternativa para o evidente empobrecimento da psicopatologia e crescente medicalização do psiquismo (BERLINK, 2010).

A noção de fundamental deve ser compreendida no sentido de uma fundamentalidade, uma intercientificidade dos objetos conceituais. A Psicopatologia Fundamental é um projeto de natureza intercientífica no qual a comparação epistemológica dos modelos teórico-clínicos e de seus funcionamentos propiciaria a ampliação do limite e da operacionalidade de cada um destes modelos e, conseqüentemente, uma transformação destes últimos (FÉDIDA, 1992).

O modelo epistemológico da Psicopatologia Fundamental se aproxima epistemologicamente da Psicanálise que objetiva fazer erigir um conhecimento inerente à experiência do sofrimento, distanciando-se e distinguindo-se, portanto, da Psicopatologia Geral, sistematizada por Carl Jaspers (1987), que leva em consideração as manifestações psicopatológicas conscientes que se identificam com a atividade de criar, descrever e aplicar sistemas classificatórios (BERLINK, 2010; CALADO E LANG, 2014).

A preocupação central da Psicopatologia Fundamental é contribuir para a redefinição do campo do psicopatológico. Ela propõe uma reflexão crítica dos modelos existentes. É uma discussão dos paradigmas que afetam nossos objetos de pesquisa, nossas teorias e nossas práticas (CALADO; LANG, 2014).

Para a Psicopatologia Fundamental, o sofrimento é compreendido como uma experiência subjetiva significada em sua unicidade e desvelada no discurso do sujeito. Inclina-se sobre uma trama, em que o sujeito trágico é determinado por seu *Pathos* (Paixão/Passividade). O *Pathos* é compreendido como possibilidade de aprendizagem suscitada pela experiência. Pela palavra, o sujeito tem a possibilidade de transpor o sofrimento de sua condição ferina à uma força curadora. Terapeuticamente, a transformação pela narrativa pode fazer dissipar o sintoma (BERLINK, 2010; CECCARELLI, 2011; CALADO E LANG, 2014).

A Psicopatologia Fundamental adota o método clínico como o procedimento lógico mais adequado para a compreensão do sofrimento humano — a noção de subjetividade é inerente, indispensável, diversa e única em sua expressão. Sendo assim, é

através da escuta do *Pathos* que é possível transformá-lo em experiência (CECCARELLI, 2011; CALADO E LANG, 2014).

Devido a primazia da clínica adotada pela Psicopatologia Fundamental, como mencionado anteriormente, sua proposta teórica e prática se assemelham à psicanalítica. Cabe ressaltar que a Psicanálise enquanto teoria e campo do saber, desde o início de suas sistematizações, utilizaram-se de obras artísticas para refletir sobre o funcionamento psíquico humano, seus conflitos e mal-estares. (RIVERA, 2005).

Nesse contexto, entre tantas possibilidades artísticas, o presente artigo dá enfoque à uma em especial: a arte cinematográfica e as possibilidades de representação do universo subjetivo humano nas telas. Quanto a isso, o tópico seguinte se detém, psicanaliticamente, de forma mais detalhada.

Do Cinema, às investigações psicanalíticas e psicopatológicas

Nesse tópico, pretende-se explanar sobre a interlocução entre os estudos psicanalíticos, psicopatológicos e os cinematográficos, bem como sobre o que pode emergir a partir desta interlocução. Para tanto, lançou-se mão de autores que teorizam, psicanaliticamente ou não, sobre o Cinema, abordando aspectos do universo subjetivo humano.

Vigora, entre os discursos populares, a concepção de Cinema enquanto um lugar físico, com uma grande tela e poltronas no qual se assiste a um determinado filme. Entretanto, Bernardet (2017) chama atenção ao afirmar que Cinema é uma experiência ampla que comporta todo o processo de criação e planejamento, materialização e divulgação do material exibido nas telas.

Um objeto audiovisual, especificamente, é composto de conteúdos internos — aspectos subjetivos de seus personagens — e externos, referentes ao contexto sociocultural em que seu enredo é apresentado (MOMBELI; TOMAIN, 2014). Partindo dessa riqueza de conteúdo que um produto cinematográfico comporta, psicanalistas como Rivera (2008) e Homem (2015) teorizam sobre as possibilidades de trabalho a partir dos conteúdos presentes em narrativas audiovisuais. Enquanto a primeira utiliza da noção de “sujeitos cinematográficos”, a segunda lança mão do termo “escuta fílmica”.

A primeira noção, criada por Rivera (2008), é sustentada pela similitude entre o processo de sobreposição de imagens característica do Cinema e o trabalho do aparelho

psíquico, ou seja, o humano é um sujeito cinematográfico. Para tanto, a autora utiliza de duas proposições conceituais para elucidar a dinâmica de imagens sobrepostas em um material audiovisual: a imagem-muro e a imagem-furo (RIVERA, 2008).

Com ambas, o expectador estabelece uma relação. Por exemplo, a imagem-muro proporciona homogeneidade à fantasia devido representar os conteúdos de maneira organizada, causando a ilusão de integridade ao Eu de quem assiste, mesmo que estejam sendo representadas questões complexas como a violência. Por outro lado, a imagem-furo aponta para uma problematização, questionamento e que, segundo Rivera (2008), também reitera a questão Freudiana de que o Eu não é senhor da sua própria morada.

Já a segunda proposição refere à noção de escuta fílmica de Homem (2015). A autora apresenta diversos pontos de uma argumentação que gira em torno da relação sujeito-imagem. Para ela, quando o expectador contempla o movimento de imagens, cuja sensação em seu psiquismo é vivenciada como a possibilidade de assumir novas realidades, este pode ver como as personagens veem e relacionar-se ambivalentemente com estas, amando-as ou não.

E este emaranhado entre expectador-personagem remete, em partes, às formações do inconsciente sistematizadas por Freud. Diz-se em partes por se tratar de uma situação híbrida entre a fantasia e a razão, uma dimensão atemporal, *acasual* e *aespacial*, a qual não se identifica nem como consciência e nem vigília. É sobre tais pontos que a autora sustenta a hipótese que as narrativas cinematográficas remontam à Outra cena — o que há de mais íntimo no humano. Portanto, a escuta dessa narrativa é possível (HOMEM, 2015).

Dunker e Rodrigues (2015) realizam a comparação entre a produção de uma sessão psicanalítica e a produção de um filme. Em ambos os casos, trata-se de uma construção coletiva, que envolve diversas narrativas, sons, sensações, memórias e, entre tudo isso, uma construção simbólica. Além disso, há a variedade de conteúdos apresentados que vão desde memórias infantis, cenas censuradas, entre outras. Dessa forma, Psicanálise e Cinema constituem confluências de saberes em muitos aspectos, visto que:

Em nossa prática psicanalítica, estamos mais perto do cinema do que imaginamos. Sessão de cinema, sessão de psicanálise. Nossos pacientes contam histórias. Envolvem-se nelas como num teatro. Distanciam-se delas como um autor de literatura. Fixam detalhes e ângulos como

fotógrafos. Escolhem temas e cores como um artista plástico. Criam suas próprias trilhas prosódicas, ritornelos, estribilhos e refrões entoativos ou silenciosos, como músicos. Calculam e desenham ambiências, posições e lugares como arquitetos. Contudo, eles fazem tudo isso ao mesmo tempo, de forma alternada e junto com pelo menos um outro (o psicanalista) que partilha cada passo do processo criativo. É isso que nos autoriza dizer que eles o fazem de forma cinematográfica (DUNKER; RODRIGUES, 2015, p. 14).

A nível de análise e produção de um saber, mediante a articulação entre os conteúdos que compõem um material fílmico, o Cinema capta e apresenta as formas de sofrimento e os sintomas que atravessam um determinado contexto que, possivelmente pode atravessar as demandas clínicas e culturais. Dessa forma, pode-se afirmar que psicanálise e experiência cinematográfica possuem algumas aproximações.

No que se refere a tais aproximações podemos destacar que ambas evidenciam o sofrimento e podem auxiliar a aliviá-lo através de estratégias sublimatórias, entretanto, a finalidade de estabelecer um curso de tratamento é marca da psicanálise somente. Já no caso das produções cinematográficas, nas telas, apresentam-se tanto conteúdo que remetem a um caos pulsional, quanto a um Eu integrado, remetendo-se ao estados psíquicos de seus espectadores. Nesse contexto, o estilo de montagem das cenas, sendo compostas por uma sequência de imagens sobrepostas, mobiliza no espectador a sensação de assumir novos papéis e formas de vida (PRADO, 2015).

Uma das principais características do produto cinematográfico é o movimento de imagens. Essa particularidade remonta, ficcionalmente, à dinâmica psíquica dos indivíduos, as fantasias e os desejos humanos. Entretanto, a imagem em si não apresenta sentido prévio, mas adquire-o durante a relação com o espectador, que capta as sequências de imagens na tela e se deixa atravessar por sensações diversas de acordo com a sua subjetividade.

Isso se dá devido o filme representar nas telas o que há de mais primordial no que diz respeito ao desejo: a fantasia. Prado (2015) afirma que a montagem de cenas dos filmes remonta, ao espectador, os movimentos circulares do desejo. Nesse sentido, a experiência cinematográfica enlaça o espectador.

Dessa forma, observa-se que entre as narrativas cinematográficas, nos discursos que a compõem, identifica-se o faltoso, o invisível que aponta para a fantasia, para o desejo. O cinema, então, mostra o excesso pulsional, fantasmático, o irrepresentável que escapa a narrativa e, com isso, denuncia realidades sociais e os fatores que as atravessam,

fatores estes censurados muitas vezes. Por outro lado, as telas que podem mostrar o excesso, o desejo e a fantasia, podem também se utilizar da ausência para tocar no trauma e no gozo.

Os autores também realizam uma comparação entre o trabalho do diretor de cinema e do analisando. Ambos precisam criar estratégias para montar e apresentar suas cenas, narrativas e montagens subjetivas. Nesse sentido, cabe ao psicanalista, enquanto analisa um objeto audiovisual, identificar as principais linguagens do cinema — visual, acústica e cenestésica, bem como os diferentes planos de leitura, como a fala, a narrativa e o discurso (DUNKER; RODRIGUES, 2015).

À guisa de exemplificação, as possibilidades do Cinema em sua relação com a psicanálise no âmbito da transmissão, da produção de pesquisas e construção teórica vão desde o estabelecimento de metodologias ativas através da produção audiovisual (BORGES JUNIOR; CORRADI; ASSUMPCÃO, 2020), passando pela reflexão sobre fenômenos psicopatológicos em específico (BORGES JUNIOR, CORRADI; ASSUMPCÃO, 2021), processos socioculturais (BORGES JUNIOR; GONÇALVES; CECCARELLI, 2021) e, até mesmo, na utilização das narrativas fílmicas para construção de estudos de caso em Psicanálise (LEBREGO; BORGES JUNIOR; BARROS, 2020; BORGES JUNIOR, 2021).

Nesse sentido, o relato de experiência apresentado a seguir fora construído com o intuito de exemplificar possibilidades de articulação entre os estudos psicanalíticos, psicopatológicos e cinematográficos, cujos temas ecoam tanto em manifestações clínicas quanto socioculturais.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema - GEPPCINE

Neste tópico, pretende-se apresentar pontos importantes sobre as experiências e produções acadêmicas do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE) entre os anos 2020 e 2021, contemplando as reuniões para debate a respeito de materiais específicos, evento científico e o produto final do grupo: um trabalho de conclusão de curso.

O GEPPCINE⁶ é um grupo de pesquisa facilitado e coordenado por uma das autoras desse trabalho, que é docente vinculada a uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada localizada no Estado do Pará, na cidade de Belém; composto por discentes de graduação do um curso de Psicologia da referida IES, mediante o desejo por maior aprofundamento nos estudos sobre a psicopatologia. Nesse sentido, partindo das possibilidades de análise das manifestações do sofrimento humano nos materiais audiovisuais, as narrativas cinematográficas passaram a ser o objeto de investigação do grupo (LEBREGO *et al*, 2020).

Os quadros a seguir apresentam todas as reuniões temáticas e as publicações realizadas no Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE) entre os anos de 2020 e 2021.

Quadro 1 – Reuniões temáticas realizadas no GEPPCINE em 2020.

Data	Título	Informações gerais
01/09/2020	Reunião de planejamento e apresentação do grupo.	A primeira reunião aconteceu para receber os as pessoas que se inscreveram como ouvinte às reuniões temáticas do semestre. Além disso, o grupo foi apresentado mediante a socialização de um artigo publicado sobre o GEPPCINE.
15/09/2020	Suicídio em telas: considerações sobre um festival paraense de filmes universitários.	Apresentação de uma das pesquisas de iniciação científica realizadas no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA).
13/10/2020	Amor e alteridade em “A pele que habito”.	Transmissão de um dos membros do grupo de pesquisa, sobre a relação entre o Amor e a Alteridade a partir de fragmentos do filme “A pele que habito” de Pedro Almodóvar (2011).
27/10/2020	Uma perspectiva psicanalítica sobre a transitoriedade: uma análise da personagem Vivian do filme “Uma lição de vida”.	Transmissão de uma palestrante convidada, sobre a transitoriedade e o processo de hospitalização a partir do filme “Uma lição de vida” de Mike Nichols (2001).
10/11/2020	Positivas: o ideal de feminilidade em Rousseau e a infecção de mulheres pelo HIV.	Transmissão de uma palestrante convidada, sobre a relação entre a infecção de mulheres pelo HIV e o ideal de feminilidade em Rousseau a partir do documentário “Positivas”, de Susanna Lira (2009).
24/11/2020	A manifestação da sexualidade indígena em um conto erótico.	Transmissão de um palestrante convidado, sobre uma articulação psicanalítica entre mitos de origem e

⁶ O grupo iniciou suas atividades no ano de 2018 e suas primeiras produções estão dispostas em Lebrege *et al* (2020). Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/3295>. Acesso: 07 mar. 2022.

		sexualidade a partir de “O amante txopokod e a menina do pinguelo gigante” (1997).
--	--	--

Fonte: elaborado pelos autores.

O GEPPCINE, em 2020, se propôs a estudar temas diversos e que, de forma direta ou indireta, contribuíssem com as pesquisas que estavam em andamento na ocasião. Por tanto, pôde-se contar com a participação de convidados que trouxeram fragmentos de suas investigações a partir do audiovisual. Sendo assim, em 2020, as discussões realizadas no grupo versaram em temas de grande relevância teórica e prática na clínica como: hospitalização e adoecimento, suicídio e o amor, bem como na cultura também, através de discussões sobre mitologia, sexualidade e ideal de feminilidade.

No mesmo ano, entre as discussões temáticas, o GEPPCINE desenvolveu pesquisas e submeteu artigos em periódicos e capítulo de livros, bem como socializou reflexões em eventos locais, tal como mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Total de publicações do ano de 2020.

Tipo	Título	Informações gerais
Resumo em anais de evento	O audiovisual como estratégia de pesquisa ativa sobre a psicose.	O resumo apresentou questões iniciais sobre uma pesquisa realizada por dois membros do GEPPCINE, sobre os fenômenos elementares da psicose representados em filmes.
Resumo em anais de evento	Problematizações introdutórias sobre a saúde mental da mulher que vive com HIV/Aids.	O estudo de caráter teórico e ensaístico apresentou parte do referencial teórico de uma investigação realizada por membros do GEPPCINE, sobre processos subjetivos transversais ao adoecimento por HIV/Aids em mulheres.
Capítulo de livro	A escuta psicanalítica na cena hospitalar	Este escrito, de caráter teórico, objetivou discutir ideias gerais sobre a presença da Psicanálise no contexto hospitalar, mediante estudos de Freud e outros autores.
Capítulo de livro	Autismo e seus (Des)enlaces em narrativas da série “Atypical”: reflexões psicanalíticas	Fruto de uma das pesquisas construídas no GEPPCINE em 2020, este relacionou fragmentos a série <i>Atypical</i> , da Netflix (2017), com questões teóricas sobre a discussão psicanalítica a respeito do autismo.
Artigo em periódico	Os lutos em torno do VIH/SIDA: análise do relato de uma participante do documentário Positivas.	Fruto de uma das discussões temáticas realizadas no GEPPCINE ainda em 2019, este trabalho articula discussões sobre luto e o adoecimento por HIV/Aids a partir da narrativa de uma das participantes do documentário

		Positivas, dirigido por Susanna Lira (2009).
--	--	--

Fonte: elaborado pelos autores.

Um dos temas mais recorrentes entre os debates realizados no grupo de pesquisa foi a questão do HIV/Aids, sobretudo a vivência de mulheres infectadas. Não apenas a partir da discussão sobre o ideal de feminilidade e a exposição ao HIV, mas também, a partir do interesse de investigar a vivência dos lutos decorrentes da Aids e, de forma geral, a saúde mental de mulheres que vivem com HIV. Desses movimentos, surgiram duas das publicações do grupo em 2020.

Outro fato importante foi que, durante os estudos teóricos sobre autores que relacionam Psicanálise e Cinema, pôde-se questionar sobre as possibilidades de representação do sofrimento psíquico em narrativas audiovisuais, bem como as análises que podem resultar do contato com os materiais cinematográficos. Um exemplo em específico pode ser observado no quadro 2, a respeito da utilização do audiovisual para o estudo das psicoses, socializada em um evento científico regional.

No ano seguinte, 2021, o GEPPCINE adotou uma forma diferente de trabalho. O número de reuniões temáticas diminuiu e deu lugar à realização e a contribuição em eventos acadêmicos, cujo interesse eram relacionar o audiovisual e algum aspecto do adoecimento psíquico. Não obstante, em 2021, os estudos realizados no grupo passaram a utilizar do referencial teórico da psicopatologia fundamental mais diretamente.

Quadro 3 – Eventos e reuniões temáticas realizadas em 2021.

Data	Título	Informações gerais
11/03/2021	Reunião de planejamento e apresentação do grupo.	A primeira reunião aconteceu para estabelecer as metas do semestre e o formato pelo qual as reuniões passariam a acontecer.
23/03/2021	I Encontro: e a Psicologia Hospitalar entrou no Cinema.	Evento realizado na instituição a partir da parceria entre estudantes do sétimo período do curso de Psicologia e o GEPPCINE na disciplina de Psicologia Hospitalar. Na ocasião, cada grupo apresentou fragmentos de filmes que retratam o contexto de hospitalização e adoecimento para, a partir deles, teorizarem sobre a práxis da Psicologia Hospitalar.
13/04/2021	Coringa: reflexões psicopatológicas.	Apresentação de um estudo preliminar realizado por membros do grupo, sobre possíveis manifestações

		psicopatológicas apresentadas no filme “Coringa” (2019).
11/05/2021	Poesia do excesso pulsional: considerações sobre psicopatologia fundamental em “Cazuza: o tempo não pára”.	Transmissão de um dos membros do grupo de pesquisa, sobre possíveis reflexões no tocante ao diagnóstico HIV positivo e a finitude a partir do filme “Cazuza: o tempo não pára” (2004) de Sandra Werneck e Walter Carvalho.
11/06/2021	Encontro de pesquisa e encerramento.	Apresentação de duas produções em andamento realizadas por membros do GEPPCINE. Além disso, ocorreu o encerramento das atividades do semestre também.

Fonte: elaborado pelos autores.

Como mencionado anteriormente, as reuniões temáticas do GEPPCINE em 2021 utilizaram do referencial da psicopatologia fundamental para discutir os materiais propostos, no caso “Cazuza: o tempo não para” (2004) e “Coringa” (2019). Ambas discussões refletiram sobre questões relacionadas ao sofrimento (*Pathos*) vivenciado pelos protagonistas dos filmes, bem como as questões culturais que permeiam o padecimento psíquico.

Além disso, o GEPPCINE atuou na organização de dois encontros de pesquisa, sendo um sobre Psicologia Hospitalar no Cinema em parceria com alunos do sétimo período do curso de Psicologia e, outro, para socializar reflexões construídas a partir das atividades do semestre. Além disso, entre as discussões realizadas, surgiu uma proposta de pesquisa que resultou na escrita e defesa de uma monografia de conclusão de curso, conforme apresenta o quadro 4.

Quadro 4 – Total de produções do GEPPCINE em 2021.

Tipo	Título	Informações gerais
Trabalho de Conclusão de Curso	Aids, fantasia e transitoriedade: construções analítico-cinematográficas.	Fruto das discussões temáticas realizadas no GEPPCINE, a monografia articulou o adoecimento por Aids, a fantasia e a transitoriedade sob um viés psicanalítico mediante a análise de dois materiais audiovisuais do Cinema brasileiro.

Fonte: elaborado pelos autores.

O trabalho de conclusão de curso em questão corresponde não só às elaborações teóricas realizadas em 2020 e 2021 sobre HIV/Aids, mas também a todo o percurso de investigação entre Psicanálise e Cinema realizado no Grupo de Estudo e Pesquisa em

Psicanálise e Cinema (GEPPCINE). Nesse sentido, a monografia apresenta tanto a discussão teórica sobre a relação entre Aids, fantasia e transitoriedade, bem como circunscreve uma possibilidade de análise psicanalítica de filmes intitulada de construções analítico-cinematográficas (BORGES JUNIOR, 2021).

Como reflexão do potencial do GEPPCINE, de fomentar o envolvimento de seus participantes em atividades de pesquisa, vale destacar a aprovação de dois de seus membros em editais de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), assim como a aprovação em Programa de Pós-graduação em Psicologia de uma Universidade Pública de dois discentes que concluíram sua graduação, para cursar o mestrado e a inclusão da professora facilitadora para cursar seu doutoramento. Tais envolvimento em pesquisa na carreira acadêmica foram facilitados pelas atividades propostas no GEPPCINE, dos quais podemos citar a realização de pesquisas com suas respectivas publicações

Frente ao que foi apresentado, observa-se que as possibilidades de análise sobre os processos subjetivos e psicopatológicos mediante o contato com narrativas cinematográficas renderam, ao GEPPCINE, ricas reflexões sobre a temática. Portanto, constituiu-se a possibilidade de conceber, entre as narrativas cinematográficas, o que se nomeia aqui de *Phatos* fílmico, manifestações de sofrimento e padecimento psíquicos representados nas telas — frutíferas à construção de uma narrativa, um saber (*logos*). Em outras palavras, mediante a análise do material, pode-se transformar o *Pathos* fílmico em um saber psicopatológico.

Considerações finais

Em primeiro momento, no que diz respeito às teorizações sobre os campos da Psicopatologia Fundamental e da Psicanálise, demonstrou-se os principais pontos sobre como ambos os campos concebem o funcionamento mental, a prática clínica e, também a pesquisa. Em linhas gerais, valoriza-se o singular, o sofrimento, a paixão e a passividade (*Pathos*) que estão no fundamento de qualquer manifestação sintomatológica.

Tendo isso em vista, na sequência foram apresentadas questões preliminares sobre a interlocução entre estudos psicanalíticos e psicopatológicos através de análises fílmicas. No tocante a tal interlocução, apresentaram-se diversos autores que teorizam sobre a montagem das cenas, o movimento de imagens apresentado nas telas e, também, a relação

entre espectador e o filme, bem como as reverberações da experiência cinematográfica na vida anímica de quem contempla um audiovisual. Nesse sentido, os dados apresentados apontam para concepções teóricas que relacionam o cinema e a vida anímica humana ou, até mesmo, nomenclaturas sobre para subsidiar a análise fílmica.

Já no que se refere aos fragmentos das experiências vivenciadas no Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE), mostraram-se os temas e os objetos de análise das reuniões temáticas entre os anos de 2020 e 2021. Cada reunião contou com um tema central e um objeto audiovisual para a discussão a ser conduzida ou por algum membro interno do grupo ou, também, por convidados externos que compartilharam suas pesquisas no grupo. De forma geral, as discussões versaram em temas como a escuta psicanalítica, a clínica do HIV/Aids, mitologia, alteridade, desamparo e entre outros.

Ao articular o relato de experiência com os dados presentes no referencial teórico do estudo, observou-se que as possibilidades que emergem a partir do encontro dos campos psicanalíticos, psicopatológicos e cinematográficos são diversas em abordagem, análise e teorizações. Não obstante, surgiu a noção que guiou as investigações do grupo de pesquisa em questão. O *Pathos* fílmico se mostrou, justamente, como as representações das paixões, da passividade e do padecimento psíquico nas narrativas cinematográficas.

Referências

BERLINCK, Manoel Tosta. A noção de subjetividade na Psicopatologia Fundamental. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 551-557, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000400001&lng=en&nrm=iso. Acesso: 06 mar. 2022.

BERLINCK, Manoel Tosta. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja. **Aids, fantasia e transitoriedade**: construções analítico-cinematográficas. 2021. Monografia (Graduação em Psicologia). Orientadora: Arina Marques Lebrago. Universidade da Amazônia, Belém, 2021.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; CORRADI, Analaura; ASSUMPÇÃO, Douglas Junio Fernandes. Suicídio em telas: análise dos curtas-metragens de um festival paraense de filmes universitários. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, n. 4, 2021. Disponível em:

<https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2169>. Acesso: 20 mar. 2022.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; CORRADI, Analaura; ASSUMPÇÃO, Douglas Junio Fernandes. Metodologias ativas: considerações sobre um festival de filmes universitários em Belém do Pará. **Revista temática**, v. 16, nº 8, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/54514>. Acesso: 20 mar. 2022.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; GONÇALVES, Ricardo César; CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e mitologia na encantaria amazônica da lenda do Boto: um ensaio psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, n. 55, p. 79-90, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100008. Acesso: 20 mar. 2022.

CALADO, Everton Fabrício; LANG, Charles Elias. Psicopatologia fundamental e a morte na doença esclerose lateral amiotrófica. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 3, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/228>. Acesso: 06 mar. 2022.

CECCARELLI, Paulo. O sofrimento psíquico na perspectiva da Psicopatologia fundamental. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 471- 477, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/FmK5qrc9BB5ZksDdRKFK6pj/abstract/?lang=pt>. Acesso: 06 mar. 2022

CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In: MELO, Patrícia Eliane; DEUSDEIT JUNIOR, Manoel (Orgs.). **Psicologia: diálogos contemporâneos**, Curitiba: CRV, 2012. p. 137-146.

DUNKER, Christian Iago Lenz; RODRIGUES, Ana Lucília. Fazer cinema, fazer psicanálise. In: DUNKER, Christian Iago Lenz; RODRIGUES, Ana Lucília. (Orgs.). **Cinema e psicanálise: a criação do desejo**. São Paulo: nVersos, 2015.

HOMEM, Maria Lucia. A escuta fílmica. In: DUNKER, Christina Ingo Lenz; RODRIGUES, Ana Lucília. **Cinema e Psicanálise: montagem e interpretação: direção da cura**. São Paulo: nVersos, 2015.

LEBREGO, Arina Marques *et al.* Psicanálise, Cinema e formação em Psicologia: movimento de um grupo de estudos em Belém do Pará. **Revista Científica/FAP**, v. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/3295> Acesso: 07 mar. 2022.

LEBREGO, Arina Marques; BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja. A escuta psicanalítica na cena hospitalar. In: SAMPAIO, Edilson Coelho; COSTA, Elson Ferreira. (Org.). **Psicologia: um olhar do mundo real**. São Paulo: **Editora Científica Digital**, 2020. p. 187-191.

LEBREGO, Arina Marques; BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; BARROS, Maria Laídes Pereira. **Os lutos em torno do VIH/Sida**: análise do relato de uma participante do documentário Positivas. *Polêm! ca*, v. 20, n. 1, p. 064-081, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/55977>. Acesso: 20 mar. 2022.

MINDLIN, Betty. O amante txopokod e a menina do pinguelo gigante. In: MINDLIN, Betty. *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. Rio de Janeiro: **Rosas dos Tempos**, 1997. p. 29-32.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. **Análise fílmica de documentários**: apontamentos metodológicos. *Lumina* v. 8, n. 2, p. jan, 2015. Disponível: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098>. Acesso: 07 mar. 2022.

OLIVEIRA, Christiana Paiva de; BERLINCK, Manoel Tosta. Os cinco sentidos na Psicopatologia Fundamental. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 24, n.2, 167-179, 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-909018#:~:text=Ao%20encarar%20esse%20estado%20%C3%A9,%2C%20paladar%2C%20tato%20e%20olfato>. Acesso: 06 mar. 2022.

PASSOS, Julio Fernandes Costa *et al.* O audiovisual como estratégia de pesquisa ativa sobre a psicose. In: I Jornada da LAPASME: Saúde Mental na Amazônia, 2020, Belém. **Anais da I Jornada da LAPASME: saúde mental na Amazônia**. Santa Catarina: Revista Eletrônica Acervo Saúde. v. 1. p. 41-42. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4622>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PECK VASCONCELOS, Ana Carolina; LEVY, Elizabeth Samuel. Uma perspectiva psicanalítica sobre a transitoriedade: análise da personagem Vivian do filme “Uma lição de vida”. **Estudos de Psicanálise**, n. 51, p. 17-24, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000100002. Acesso: 06 mar. 2022.

PRADO, José Luiz Aidar. O objeto impossível do cinema. In: DUNKER, C. I.; RODRIGUES, A. L. (Orgs.). **Cinema e psicanálise: a criação do desejo**. São Paulo: nVersos, 2015.

RABELO, Suzana Farias *et al.* Problematizações introdutórias sobre a saúde mental da mulher vivendo com HIV/aids. **Anais da I Jornada da LAPASME: saúde mental na Amazônia**. Santa Catarina: Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020. v. 1. p. 51-52. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4622>. Acesso em: 24 mar. 2022.

RIVERA, Tânia. **Arte e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

RIVERA, Tânia. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTOS, Tânia de Miranda *et al.* Autismo e seus (DES)enlaces em narrativas da série “ATYPICAL”: reflexões psicanalíticas. In: COSTA, Elson Ferreira; SAMPAIO,

Edilson Coelho. Desenvolvimento da criança e do adolescente: evidências científicas e considerações teórico-práticas. São Paulo: **Científica Digital**, 2020. p. 284-307.

Filmes

A PELE QUE HABITO. Direção: Pedro Almodóvar. Produção de Warner Bros. Espanha: Paris Filmes, 2011. 1 DVD (117 min.).

UMA LIÇÃO DE VIDA. Direção: Mike Nichols. Produção de HBO. Estados Unidos: 2001. (98 min.).

POSITIVAS. Direção: Susanna Lira. Brasil: Modo Operante Produções, 2004. 1 DVD (78 min.).

CAZUZA – O Tempo Não Para. Direção: Sandra Werneck, Walter Carvalho. Produção de Daniel Filho. Brasil: Globo Filmes, 2004. 1 DVD (98 min.).

CORINGA. Direção: Todd Phillips. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2019. 1 DVD (123 min.).